



O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA A PARTIR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE PARA ALUNO SURDO

Autor (1) Rosângela de Sousa Mencato; Co-autor (1); Joseilma Ramalho Celestino;
Orientador (1) Sílvio César Lopes da Silva

rosangelasousa22@gmail.com

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- joramalho10@hotmail.com

UFRN –PPGED - Bolsista CAPES sclop3@yahoo.es

RESUMO

Visando promover a acessibilidade ao conhecimento dos alunos Surdos, Implantada Coclear e Deficientes Auditivos, busco desenvolver esta Pesquisa- Ação a partir de recursos metodológicos e metodologias de ensino da Libras como L1 e do Português como L2, aplicando e avaliando os meios e os resultados. Com objetivo claro, explorar recursos e metodologias que facilitem à aquisição do processo de letramento de pessoas Surdas, Deficientes Auditivos (DA) e Implantados Cocleares (IC), buscando nos professores posturas inclusivas que priorizem um currículo de ensino adaptado, garantindo aos alunos o acesso à aprendizagem de forma significativa e funcional. Para tanto, embasamos nossa reflexão a partir das leis: 10.436 de 24/04/2002 e 12.319/10. No entanto, a sociedade ainda concebe essa visão oralista e/ ou médica de que a única forma de o Surdo ou DA aprender só seria possível com práticas orais, o que dificulta o processo de inclusão além de outras questões de acessibilidade como: a falta de intérprete em ambientes escolares, aquisição da Libras como L1 pelo Surdo para que seja possível sua alfabetização, além da falta de recursos metodológicos e metodologias de ensino eficientes, existe a falta de investimento e capacitação de professores para a aquisição da Libras e conseqüentemente para seu ensino. Diante desse cenário e com base na Programação Neurolinguística (PNL) e sua relação com os Sistemas Representacionais (SR), apresentamos neste artigo alguns modelos de metodologias de ensino assim como, recursos que estimulam os sentidos visuais e cinestésicos (sinestésicos) dos alunos através de exercícios dinâmicos onde priorizei a memorização e a repetição de palavras escritas em português associadas à Língua de Sinais.

Palavras-chave: Aluno; Inclusão; Letramento - L1 Libras e L2 – Português; AEE.

1. INTRODUÇÃO

O interesse nesta pesquisa surgiu da necessidade de encontrar recursos metodológicos e metodologias de ensino do português na modalidade escrita para os jovens alunos surdos, deficientes auditivos e uma implantada coclear da Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Municipal Menino Jesus no Município de Alagoa Nova/PB. Ao longo dos quatro anos em que os alunos são atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais, acompanho de perto as dificuldades enfrentadas por estes (em suas escolas

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



regulares) para a aquisição do processo de letramento. A falta de acessibilidade aos conteúdos, proporcionados pela inadequação de metodologias focadas exclusivamente no ensino de uma língua oral/auditiva não possibilitam um processo de ensino bilíngue fazendo com que os mesmos, evadam ao chegarem ao quinto ano do ensino fundamental.

Segundo ANDREIS- WITKOSKI (2014, p. 43) “[...] o currículo de Língua de Sinais na Educação de Surdos ainda não contém programas estabelecidos, sendo que na maioria das escolas, pensa-se que não é necessário o ensino sistemático da língua [...]”.

Tendo em vista que, a aquisição social, cultural e cognitiva do indivíduo Surdo ocorre através do conhecimento transmitido através do uso da língua visual/gestual (Língua de Sinais que é sua L1) e que o Português deve ser ensinado, mas, como uma L2, possibilitando ao Surdo e/ou Deficiente Auditivo uma maior compreensão do que esta sendo exposto.

[...] O aspecto mais flagrante na aquisição de uma língua oral como L2 pela criança surda é que ela deve adquirir propriedades no nível fonológico e prosódico que seu aparato sensorial auditiva está impedido (ou parcialmente impedido) de aprender. No entanto, a criança surda pode ter acesso à representação gráfica dessas propriedades, que é a modalidade escrita da língua oral. O letramento é, portanto, condição e ponto de partida na aquisição da língua oral pelo surdo, o que remete ao processo psicolinguístico da alfabetização e à explicação e construção das referências culturais da comunidade letrada. Essa tarefa é, porém, menos árdua se a modalidade escrita da língua oral é adquirida como L2, sendo a língua de sinais adquirida como L1, cabendo desenvolver estratégias de ensino que levem em consideração a situação psicossocial do surdo, em particular sua condição multicultural. (SALLES et al., 2004, p. 77; 78)

No entanto, mesmo com novas pesquisas na área, que determinam a participação dos Surdos na sociedade, garantida pelas leis: 10.436 de 24/04/2002 (que oficializa a LIBRAS como língua) e 12.319/10 (que regulamenta a profissão do Intérprete) ainda falta muito a ser feito, para dar acessibilidade a estas pessoas às diversas áreas do conhecimento, possibilitando condições para o seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial. A partir deste pressuposto, o objetivo principal desta pesquisa é explorar recursos e metodologias que facilitem à aquisição do processo de letramento desses indivíduos buscando nos professores posturas inclusivas que priorizem um currículo de ensino adaptado, garantindo aos seus alunos o acesso à aprendizagem de forma significativa e funcional, tendo em vista que estes jovens não foram alfabetizados na idade certa e levando em consideração que os mesmos ainda não possuem proficiência na sua língua natural (Libras).

2. METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO



2.1 contextos histórico da educação dos surdos

Na antiguidade, os gregos e romanos consideravam os Surdos como seres incapazes de aprender ou conviver em sociedade, pois tinham a concepção de que o pensamento não se desenvolvia sem a linguagem e esta, não se desenvolveria sem a fala, com isto, os Surdos eram isolados do convívio social e durante muito tempo foram excluídos somente porque não falavam demonstrando que o problema na verdade não era a Surdez, mas sim, a ausência da fala. (FARIA, 2011)

Um dos registros mais antigos sobre a Língua de Sinais é de 368 a.C, o filósofo grego Sócrates levantou a questão de como os seres humanos faziam quando queriam indicar objetos uns para os outros quando não falavam. Contudo, somente a partir do século XVI na Idade Moderna é que o médico Girolamo Cardano que possuía um filho com Surdez, declara estudos comprovados por ele (que combinavam sinais e linguagem escrita), de que os Surdos podiam receber sim instrução e aprender a ler e escrever sem a fala. Muitos outros estudiosos como: Pedro Ponce de Leon (utilizava sinais, treinamento da voz e leitura labial, impulsionador do oralismo), Juan Pablo Bonet, Abade L' Epée (ambos utilizavam um método combinado) dentre outros começaram a criar metodologias de ensino para que o Surdo pudesse se comunicar e aprender através de uma língua gestual- visual.

Em 1750 L'Epée funda na França a primeira escola para Surdos do mundo, em 1855 um professor inglês chamado Thomas Gallaudet trouxe um professor francês para os EUA onde abriu a escola para Surdos em Washington (atualmente Universidade de Gallaudet). Em 1857 Dom Pedro II funda o INES a primeira Instituição voltada para Educação de Meninos Surdos, também com a ajuda de um professor francês (Hernest Huet discípulo de L'Epée) tendo assim, a língua de sinais brasileira influências fortes da língua de sinais francesa.

Em 1880, o Congresso Mundial de Professores de Surdos, declarou a superioridade do método oral puro sobre o uso de sinais o que provocou uma grande polêmica entre professores ouvintes e surdos, uma das consequências desse congresso foi proibição do uso ou do ensino da língua de sinais devendo o Surdo aprender somente através do método oral. Com isso, foram mais de cem anos de práticas de ensino rigorosas, tradicionais, torturantes e metódicas (FARIA apud MOURA, 2011).

Em 1960 William Stokoe prova que a língua de sinais tem uma estrutura gramatical totalmente diferente das línguas orais, a partir daí como já existiam dois modelos educacionais (oralismo e comunicação total) surge o



terceiro e mais eficaz (bilinguismo). A educação de surdos pode ser resumida nestes três modelos educacionais:

ORALISMO – [...] Métodos que apostam no treinamento da audição como principal recurso para atingir o objetivo de oralizar o Surdo.

COMUNICAÇÃO TOTAL – [...] Defende o uso de qualquer recurso linguístico seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais[...]

BILINGUISMO - [...] Pode ser considerado como uso que as pessoas fazem de diferentes línguas em diferentes contextos sociais. (FARIA, 2011, p. 31;32;33)

Atualmente no Brasil, o bilinguismo é garantido pelas leis: 10.436 de 24/04/2002 (que oficializa a LIBRAS como língua) e 12.319/10 (que regulamenta a profissão do Intérprete), no entanto, a sociedade ainda possui essa visão oralista de que a única forma de o Surdo ou DA aprender só seria possível com práticas orais o que impede o processo de aquisição da identidade do indivíduo dentro de uma comunidade Surda, além de outras questões de acessibilidade como a falta de interprete em ambientes sociais e escolares, aquisição da libras como L1 pelo Surdo para que seja possível sua alfabetização na idade correta, falta de recursos metodológicos e metodologias de ensino eficientes, falta de investimento e capacitação de professores para a aquisição da libras e conseqüentemente para seu ensino...

2.2 Recursos metodológicos utilizados para o ensino de português para surdos

Ao longo de quatro anos que estou na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Municipal Menino Jesus, venho desenvolvendo recursos metodológicos para proporcionar aos meus jovens alunos a acessibilidade a determinados conteúdos através de atividades, jogos e ou recursos metodológicos adaptados em Libras. Dentre alguns desses, cito: alfabeto móvel; números móveis; silabário; relógio e calendário, todos esses recursos foram construídos ou adaptados para o desenvolvimento do trabalho de letramento, leitura e escrita destes alunos. Pois segundo ANDREIS- WITKOSKI (2014, p. 229; 231):

O método bilíngüe deve apresentar aquilo que o identifica, o uso da língua de sinais e de uma didática que não a deixe longe daquilo que sabemos: o constitutivo do sujeito surdo, em seu operador totêmico, é o uso da visão e, com isto, a língua criada para este fim, à língua de sinais. Precisa ser, portanto, uma didática que leve à aprendizagem com o uso da visão [...] Os surdos como leitores, leem o mundo a partir de suas possibilidades visuais e daí aprendem. Quantos surdos há que foram educados a utilizar a linguagem oral, ou seja, métodos de ensino que não lhe servem porque são auditivos. Isso explica porque suas possibilidades de participar ativamente com e na comunidade ouvinte são bastante reduzidas. Disso também decorre uma identidade “fragmentada”: o surdo não domina a língua de sinais não se identifica com o grupo de surdos, que tampouco o identifica.

Partindo deste pressuposto cito agora, alguns exercícios que priorizaram o ensino da Libras como L1 e do Português como L2:



O ditado em libras – Onde o mediador faz o sinal e o aluno terá que escrever a palavra em Português. Em seguida o mediador coloca a lista de palavras escritas corretamente e o aluno terá um tempo para memorizá-las, depois o próprio aluno terá que corrigir sua lista de acordo com as palavras que conseguiu memorizar.

Estudo de texto – Onde o mediador escolhe um gênero textual e faz a tradução do mesmo em sinais em seguida, com o texto escrito faz a associação do sinal com a palavra escrita. Ao final, o mediador trabalha uma lista de palavras do texto onde de uma forma dinâmica pode dar as palavras escritas e pedir o sinal e vice-versa, pode pedir para o aluno completar uma frase do texto com as palavras ou letras que estão faltando...

Datilologia - Onde o mediador faz a datilologia das palavras em Libras, pede para os alunos escreverem em Português em seguida, os alunos terão que mostrar os sinais das palavras que escreveram em Libras.

Trabalho com Jogos Alfabéticos (para o ensino do Português escrito)- Onde o mediador irá associar esses jogos ao ensino tanto de sinais como de palavras nas L1(Libras) e L2 (Português) dos alunos. A exemplo de alguns jogos trabalhados com os alunos cito: jogo da memória de palavras; jogo quem escreve sou eu; jogo dos nomes; jogo do mercado; jogo troca letras; Entre outros.

Trabalho com nomeação de objetos do cotidiano dos alunos – Onde o mediador irá nomear objetos ou espaços com sinais associados às palavras escritas para que os alunos naquele ambiente façam uso do sinal associado da sua escrita em Português.

Trabalho com tradução e interpretação de diferentes gêneros textuais: Onde juntamente com o mediador os alunos irão ter acesso a um texto escrito em português ou interpretado em libras e irão fazer a tradução para o Português escrito ou a interpretação em LIBRAS.

3. IDEIAS PARA ENSINAR PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS

Os Recursos expostos acima são apenas alguns dos instrumentos utilizados no processo de letramento desses alunos, aonde venho associando a Língua de Sinais à Língua Portuguesa em busca de uma metodologia de ensino que auxilie o processo de alfabetização, com isso, o que venho constatando através dessa Pesquisa- Ação é que o processo de alfabetização desse grupo de alunos ocorre quando este, já possui identidade Surda e o domínio de sua L1(Língua de Sinais) para poder



através de exercícios de memorização de vocábulos e grafemas poder aprender uma língua oral na sua modalidade escrita como sua L2 (Língua Portuguesa).

O contexto bilíngue da criança surda configura-se diante da co-existência da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. No cenário nacional, não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do programa escolar, mas sim, tornar possível a co-existência dessas línguas reconhecendo-as de fato atentando-se para as diferentes funções que apresentam no dia a dia da pessoa surda que se está formando. (QUADROS, 2006, p.13)

Segundo Quadros (2006), um dos recursos mais importantes para serem dispostos em sala de aula é o uso de relatos e produção de estórias e literatura infantil em sinais, dentro das comunidades surdas se tem uma gama de estórias naturais, espontâneas e de contos que passam de geração para geração e transformar esse material em estudo dentro das escolas se faz necessário pois: “Os alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa.”(QUADROS, 2006, p. 26)

A mesma autora afirma que o processo de aquisição da alfabetização de L2 (Português) passa por estágios de interlíngua onde devemos considerar:

O processamento cognitivo espacial especializado dos surdos; O potencial das relações visuais estabelecidas pelos surdos; A possibilidade de transferência da língua de sinais para o português; As diferenças nas modalidades das línguas no processo educacional; As diferenças dos papéis sociais e acadêmicos cumpridos por cada língua; As diferenças entre as relações que a comunidade surda estabelece com a escrita tendo em vista sua cultura; Um sistema de escrita alfabética diferente do sistema de escrita das línguas de sinais; A existência do alfabeto manual que representa uma relação visual com as letras usadas na escrita do português. (QUADROS, 2006, p. 32; 33)

Com isso, assim como a criança ouvinte passa por níveis de escrita (Emília Ferreiro) a criança surda passa por estágios de interlíngua na aprendizagem da língua portuguesa são eles:

Interlíngua I (IL1)- Neste estágio, observamos o emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a língua portuguesa (L2)[...]

Interlíngua II (IL2)- Neste estágio, constatamos na escrita de alguns alunos uma intensa mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da língua de sinais brasileira e o uso indiscriminado de elementos da língua portuguesa na tentativa de apropriar-se da língua alvo[...]

Interlíngua III (IL3)- Neste estágio, os alunos demonstram na sua escrita o emprego predominante da gramática da língua portuguesa em todos os níveis, principalmente no sintático[...] (QUADROS apud BROCHADO, 2006)

3.1 Como a programação neurolinguística (pnl) e sua relação com os sistemas representacionais podem favorecer o processo de letramento de pessoas surdas



No início dos anos 70, Richard Bandler, (um estudante de psicologia) e John Grinder (um professor de linguística) realizam uma pesquisa sobre a Programação Neurolinguística (PNL) na Universidade de Santa Cruz – Califórnia na qual, realizaram um estudo de famosos terapeutas da época, buscando identificar quais eram os padrões internos e externos que eles utilizavam que tornavam o trabalho deles tão efetivo. O resultado dessa pesquisa foi surpreendente, pois, por trás dos nossos comportamentos existe uma estrutura interna de pensamentos e emoções que impactam diretamente as nossas ações e conseqüentemente os resultados que alcançamos em nossas vidas (SBPNL, Sociedade Brasileira de Programação Neurolinguística).

De acordo com a PNL, cada um de nós tem seus próprios programas que processam as informações que recebemos de maneiras diferentes.

Esses programas nos ajudam a fazer nossas representações internas do que vemos, ouvimos e sentimos do mundo externo; eles nos servem de filtro e estão intimamente ligados às nossas crenças e valores. Também são eles que ditam nossos comportamentos e determinam nossas capacidades e habilidades. (JADOUL, 2016, online).

Sendo assim, os sistemas representacionais (cinestésico, auditivo e visual) são um desses programas pelo qual, usamos nossos sentidos (sinestesia) para processar e para representar informações sobre o que está acontecendo no mundo em torno de nós. Pois de acordo com RAMOS apud MENEZES (2010, online):

Nossa personalidade é construída devido aos estímulos marcantes que acontecem durante toda a nossa vida. 'Nossos cinco sentidos são constantemente estimulados, e é a partir deles que nós aprendemos do que gostamos ou não', diz a terapeuta em neurolinguística Sílvia Maria Pereira Ramos.

Por mais que esse estímulo aconteça em todas as pessoas, a sensibilidade de cada indivíduo a cada sentido é diferente. Há três tipos de perfis que definem que tipo de sentido é mais aguçado em cada pessoa: o auditivo, sinestésico e o visual. De acordo com Sílvia Maria, essa classificação não é rígida. Algumas pessoas são auditivas em um período da vida, e quando passam por algumas situações, passam a ser sinestésicas, por exemplo.

Afirmo assim, que devido à ausência ou a um comprometimento que pode ser desde leve, moderado, severo ou profundo no sentido auditivo para esses alunos, o estímulo visual ou cinestésico (sinestésico) é mais aguçado devendo assim, serem estimulados nestes dois sistemas representacionais, para que de fato ocorra um processo de alfabetização e letramento eficaz.

A relação entre os sistemas representacionais e a PNL se define na forma como neurologicamente nossa mente processa os estímulos recebidos pelos cinco sentidos (tato,



olfato, paladar, audição e visão). Pois:

O nome Programação Neurolinguística resume seus três pilares de sustentação. O neuro remete à mente, onde processamos nossas experiências por meio dos cinco sentidos. Linguística refere-se à linguagem ou a outras formas de comunicação não verbal.

O termo programação pode ser entendido como uma comparação entre a mente humana e um computador: o cérebro é o “hardware”, enquanto a mente, os pensamentos e os comportamentos compõem o “software”, ou seja, o programa que define como o computador interpreta os dados recebidos. (SBPNL, 2011, online)

E é através dos sentidos que cada pessoa interpreta os dados recebidos neste software, cada pessoa aprende de forma diferente utilizando mais especificamente, um tipo de sentido e é aí, que os sistemas representacionais se formam e subdividem-se em: visual, auditivo e cinestésico/sinestésico. Sendo assim, é através desses sistemas que cada pessoa recebe e interpreta os conhecimentos, as habilidades e os valores necessários para viver em sociedade.

Por isso, a Libras por ser uma língua gestual- visual, funciona como um canal para o “software”, que interpreta ou traduz as informações aos surdos e deficientes auditivos, fazendo com que o cérebro (hardware) arquive e organize as informações recebidas pela mente. Constatamos assim que, aprender a Libras como L1 e só depois ser alfabetizado no Português na modalidade escrita como L2, dispondo de metodologias que oportunizem esse processo e levando em consideração se o indivíduo é visual ou cinestésico (sinestésico), é que poderemos obter êxito no processo de letramento dos alunos Surdos e DA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos alguns recursos e metodologias de ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita para alunos Surdos, Deficientes Auditivos e Implantada Coclear numa Pesquisa- Ação onde já apresentamos alguns exemplos de atividades desenvolvidas em seus atendimentos na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Municipal Menino Jesus no Município de Alagoa Nova- PB, pois observando a problemática do processo de alfabetização e letramento desses jovens em suas salas regulares, nas quais presto orientações aos professores, cheguei a seguinte situação de como poderia ser realizado o ensino de português na modalidade escrita (como L2) levando em consideração à associação a língua de sinais (como L1).

Com base nos estudos e na prática das atividades que venho desenvolvendo há quatro anos com tais alunos em seus atendimentos na sala de



AEE, apresentei algumas propostas de atividades nas quais obtive alguns resultados satisfatórios comprovados através dos aportes teóricos e metodológicos, onde constatei através da Programação Neurolinguística e sua relação com os Sistemas Representacionais visual e cinestésico (sinestésico) podemos com a utilização de metodologias de ensino que priorizem exercícios dinâmicos de memorização e repetição de palavras escritas em português sempre associadas aos seus sinais em Libras, conquistar o processo de alfabetização e letramento desse grupo de alunos, pois da mesma forma que os alunos ouvintes são alfabetizados através da memorização dos fonemas, os jovens que possuem essa deficiência sensorial podem através dos sistemas representacionais visuais ou cinestésico (sinestésico) fazer a memorização não dos sons, mas sim, dos grafemas de alguma língua oral (no nosso caso do Português).

Pois de acordo com TONSA (2012, online):

Um Mapa ou Modelo de mundo é formado por representações internas da realidade objetiva filtradas pelos aprendizados pessoais. Criada a partir de estímulos sensoriais, nossa Ri (representação interna) é composta de imagens, sons e percepções cinestésicas como cheiros, sabores e sensações táteis.

Portanto, como já afirmamos e demonstramos durante todo este trabalho, podemos assegurar metodologias de ensino que priorizem a Programação Neurolinguística e os Sistemas Representacionais, a Libras por ser uma língua visual facilita ao Surdo o acesso ao conhecimento, possibilita a aprendizagem do português escrito, fazendo com que o indivíduo possa expressar suas vivências e armazenar suas experiências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. **Referências sobre práticas formativas em Educação Profissional: o velho travestido de novo ante o efetivamente novo.** Boletim Técnico do Senac. Rio de Janeiro, v.36, n.2, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/362/artigo4.pdf>>. Acessado em: 21/01/2017.

ANDREIS- Witkoski, Sílvia [et al.] (organizadoras). **Educação de Surdos em debate.** 1. Edição. Curitiba: Editora UTFPR, 2014.

CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Trabalho Necessário, v.3, n.3, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf>. Acessado em: 21/01/2017.



FARIA, Evangelina Maria Brito de (Organizadoras) [et al.] e DONATO, Adriana DI [et al.]. **Libras**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FELIPE, Tanya. **Libras em contexto: Curso básico, livro do estudante/ cursista**. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

JADOUL, Martine. **Neurolinguística e os sistemas representacionais**. Publicado em: 31/06/2016. Disponível em: <<http://conversasentremulheres.com.br/neurolinguistica-e-os-sistemas-representacionais/>>. Acessado em: 18/03/2017.

MENEZES, Fernando. **Qual sentido estimula mais você? Saiba se você é visual, sinestésico ou auditivo e tire melhor proveito disso**. Publicado em 04/10/2010. Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/bem-estar/testes/11989-qual-sentido-estimula-mais-voce>. Acessado em: 01/02/2017.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração**. Holos, Natal, v.2, p.1- 27, 2007. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>>. Acessado em: 21/01/2017.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica**. Revista Brasileira de Educação, v.12, n.34 jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>>.

PNL os sistemas representacionais. Disponível em: <http://www.institutopsique.com.br/artigos/179-pnl-os-sistemas-representacionais>. Acessado em: 05/03/2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**/ Secretária de Educação Especial /Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar Português para Surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, M. N. **Concepção do Ensino médio integrado**. Disponível em: <http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf>. Acessado em 21/01/2017.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima... [et al.]. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica vol.1**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2v. il. . (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima... [et al.]. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica vol.2**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2v.: il. . (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. Campinas, v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acessado em: 21/01/2017.



SBPNL, Sociedade Brasileira de Programação Neolinguística. **A PNL e a sua vida pessoal.** Copyright SBPNL 2011. Disponível em: <<http://www.pnl.com.br/admin/assets/uploads/anexos/a-pnl-e-sua-vida-pessoal1.pdf>>. Acessado em: 14/04/2017.

SBPNL, Sociedade Brasileira de Programação Neolinguística. **A PNL e a sua vida profissional.** Copyright SBPNL 2011. Disponível em: <<http://www.pnl.com.br/admin/assets/uploads/anexos/a-pnl-e-sua-vida-profissional1.pdf>>. Acessado em: 14/04/2017.

SBPNL, Sociedade Brasileira de Programação Neolinguística. **Entenda o que é a programação neurolinguística.** Disponível em: <http://www.pnl.com.br/programacao-neurolinguistica/o-que-e-pnl/entenda-o-que-e-a-programacao-neurolinguistica>. Acessado em: 16/03/2017.

SILVA, José Roberto da. **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).** Publicado em: Jaguaribe, 2014. Disponível em: <<https://www.flipsnack.com/9A8A8DFEFB5/atividade-2-de-libras.html>>. Acessado em: 20/03/2017.

TONSA, Sandra. **Visual, Auditivo ou Cinestésico, em qual você se encaixa?** Publicado em 24/06/2012. Disponível em: <<http://psicologiaautoestimaebeleza.blogspot.com.br/2012/06/visual-auditivo-ou-cinestesico-em-qual.html>>. Acessado em: 21/03/2017.

VALENTE, C. **Você tem Sinestesia ou é Cinestésico?!?** Publicado em: 07/08/2014. Disponível em: <<http://www.novainter.net/blog/voce-tem-sinestesia/>>. Acessado em: 22/03/2017.

Visual, auditivo, cinestésico: qual é o seu perfil profissional dominante? Disponível em:<<http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&espid=362&action=noticias&id=3694640>>. Acessado em:14/04/2017.